

Brasília, capital da síndrome do pânico

Segundo estudo realizado na Universidade Federal de São Paulo, a cidade também é a campeã em casos de depressão e ansiedade

Luciene de Assis e
Fernanda Lambach
Da equipe do **Correio**

A estudante de Direito da Universidade de Brasília (UnB) M.M., 26 anos, passou por maus bocados quando tinha 20 anos e estava prestes a fazer vestibular. Logo depois da separação dos pais, que foi muito traumática, cheia de brigas, ela começou a apresentar um quadro muito estranho. De uma hora para a outra sentia que ia sair de si mesma, o coração disparava, a respiração ficava agitada, a tendência era querer sair correndo, mas ao mesmo tempo as pernas permaneciam congeladas.

“Vou sair de mim. Vou morrer”, gritava a estudante desesperada, onde estivesse. Assustou os pais, perdeu o namorado. “Ninguém entendia o que era aquela coisa. E quando o estado de nervos passava eu me sentia absolutamente ridícula. Continuava chorando e pensava em me matar”, narra M.

Uma vez, ela chegou a subir no parapeito da janela do apartamento onde morava na Asa Norte. Dona Ana, a mãe, gritou e ela caiu em si. Apavorada, a mãe acabou perdendo a paciência: “Você só pensa em chamar a atenção. É uma idiota”. A tendência era todo mundo achar que a loira de olhos verdes e pele morena estava dando um chilique. Não era nada disso. Era síndrome do pânico, doença que se espalha, principalmente em Brasília e, apesar de atrapalhar muito a vida da pessoa, tem cura se tratada por psiquiatras e psicólogos.

O paciente de pânico normalmente é uma pessoa que foge de aglomerações, não consegue trabalhar, afasta-se da família e dos amigos. Não sai de casa nem para comprar jornal na esquina. Tudo pelo medo de ter medo. A síndrome afeta hoje pelo menos três milhões de pessoas no Brasil (2% da

população) e ainda não tem uma causa definida pela Medicina.

É um problema tão grave que a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde resolveram patrocinar uma pesquisa sobre a ocorrência dos distúrbios mentais mais comuns. Para tal, foram entrevistadas 6.470 pessoas com mais de 15 anos de idade em Brasília, São Paulo e Porto Alegre.

Segundo o estudo, Brasília é a capital nacional do pânico. O dado foi divulgado durante o Encontro Anual da Associação Americana de Psiquiatria, em San Diego (EUA), pelo psiquiatra e professor da Universidade Federal de São Paulo Miguel Jorge,

CAMPEÃ

Brasília é a campeã do pânico, depressão e ansiedade, englobando 16% dos diagnósticos ligados a doenças mentais. Entre os entrevistados, 17,6% dos que vivem no Distrito Federal sofrem de pânico e ansiedade. Tal constatação supera os números encontrados em São Paulo (10,6%) e Porto Alegre (9,6%), as outras duas capitais incluídas na pesquisa.

A psicóloga brasileira Lúcia Miranda, especializada em depressão, ansiedade e síndrome do pânico, atende atualmente cinco deputados e senadores, um secretário do Governo Cristovam Buarque, um embaixador, 15 empresários e muitos parentes de pessoas que ocupam cargos ligados ao poder.

Para ela, a maioria deles é obrigada a viver em um palco, representando o tempo todo, sem ter condições de dizer para os outros que “é um vulcão prestes a explodir”. “A vida agitada, o acúmulo de funções, a falta de tempo para o lazer e o custo de vida elevado de Brasília são alguns dos fatores que levam as pessoas a terem problemas relacionados a síndrome do pânico”, diz.

Muitas vezes a psicóloga tem de

marcar horários não convencionais para tratar de “figurões”. As consultas começam às 6h30 da manhã. Às vezes bem mais cedo para o paciente não ser visto nem reconhecido por ninguém. “Por serem líderes, eles têm medo de aparentar fragilidade”, continua Lúcia. Ela chama a atenção para o fato das mulheres terem menos medo de dizer que estão doentes do que os homens. Angela Lins, que faz parceria com Lúcia, observa que a proporção é de duas mulheres para um homem com a síndrome.

“Tornei-me escrava do próprio medo. Perdi meu emprego. Não ti-

nha mais vida social. Minha família não conseguia entender o que estava acontecendo comigo. Tornei-me um enigma para todos e para mim mesma”. Este depoimento, da vendedora de seguros Maria Adelaide Daudt D'Oliveira, por exemplo, foi espalhado pela Internet.

Maria Adelaide só descobriu que tinha a síndrome do pânico e só conseguiu encontrar médicos que a tratassem por causa de uma matéria de jornal. Para divulgar a possibilidade de tratamento, Adelaide escreveu o livro *Fantasma do medo — síndrome do pânico, uma história real*, editado pela Gryphus.



PESQUISA

DIAGNÓSTICOS MENTAIS

Região metropolitana	Brasília	São Paulo	Porto Alegre
Ansiedade/pânico	17,6%	10,6%	9,6%
Fobia (medo)	16,1%	7,6%	14,1%
Distúrbios obsessivo-compulsivos	0,7%	- 2,1%	-
Distúrbios de ajustamento	2,0%	0,6%	1,6%
Depressão	2,8%	1,9%	10,2%
Psicoses	0,3%	0,9%	2,9%
Abuso/dependência de álcool	8,0%	7,6%	9,2%
Retardo mental	3,0%	2,6%	3,4%

■ Fonte: Estudo Multicêntrico da OMS e Ministério da Saúde com 6.470 pessoas maiores de 15 anos.